

**Discurso pronunciado pelo dr. Nelson de Senna, como orador official, na sessão inaugural da Academia Mineira de Letras, no Theatro de Juiz de Fóra, a 13 de Maio de 1910, sobre o thema «O Futuro de Minas Geraes.»**

Sr. Presidente da Academia Mineira de Letras.

Sr. Presidente da Camara de Juiz de Fóra e digno representante do Governo do Estado.

Srs. academicos.

Senhoras e senhores.

Com esta é a segunda vez, dentro do espaço de um anno (1) que, por nimia bondade de duas instituições juiz de foranas, aqui venho tomar parte nas justas do Saber, nos torneios da Intelligencia, nesta formosa e tão culta, como rica cidade de Minas Geraes.

Chamastes de novo, num captivante convite, ao humilde orador e elle até cá se dirigiu, alegre e submisso, para palestrar convosco no festival da solemne inauguração desta nascente Academia de Letras.

Pena, e grande é, entretanto a minha, senhores e senhoras, por bem me sentir mesquinho de engenho e arte para melhor corresponder á vossa sempre fidalga expectativa e mais airoso me conseguir safar do aperto desta conjunctura em que me collocastes — obrigado aos moldes classicos de um discurso official, de accordo com o papel que me distribuístes, na abertura deste magno sodalicio das letras mineiras.

Escusae-me dos logares communs a que o assumpto me possa conduzir, que isto de ser original e inedito não é obra ao alcance dos que, como eu (lisamente, o confesso) rastejam na planicie rasa de uma fraca mentalidade...

A's vezes os que amam o passado fazem o auditorio que os escuta respirar idéas poentas, ou, como naquelle dizer macio e erudito de Herculanu, (2) dão-lhes a ouvir «algumas cousas antigas que estavam já postas de parte conjecturando que ordenadas e vestidas de novas cores podiam tornar á praça e não parecer mal, como arvores de outomno com seu renovo.»

(1) A primeira vez, em 25 de abril de 1909, por occasião de inaugurar-se o Instituto Polytechnico, annexo a Academia de Commercio de Juiz de Fora, como paranympho d'aquelle.

(2) Vide G. Estação, no prologo dos «Varões antigos», cit. por A. Herculanu, no prefacio do Monge de Cister.

O risco, porém, do enfado aos meus ouvintes acaso me distanciaria do intento de penetrar convosco pelas éras afastadas de nossa literatura e lá ir buscar as justificativas historicas da criação deste esperançoso cenaculo de homens de letras, aqui agrupados desde a memoravel data de 25 de dezembro de 1909 e collimando os seguintes nobilissimos fins: «a cultura da lingua e da literatura nacional, o estudo dos costumes, formação da historia da literatura mineira e especialmente, o congraçamento da intellectualidade mineira.» (3)

E si resquicio de merito encontrades na minha oração, antes o deveis attribuir ao temor de não querer eu me afundar pelas brumas do passado para do fundo dos archivos e bibliothecas extrahir algo com que vos viesse gastar a resignada paciência em me ouvirdes.

Preferi deletrear convosco nas linhas indecisas dos tempos vindouros, pedindo ao patriotismo vidente que me aclarasse o que por ventura nos aguarda nessa manhã de incognitas e esperanças, quanto ao dominio geral do progresso no meio physico e no ambiente moral desta Terra, que nossa é pelo berço e pelo amor...

Prescurtemos, pois, dos fados amigos se a accelerada evolução material matará de vez ou, ao contrario, fará crescer *pari passu* o desenvolvimento da cultura intellectual em nossa Patria.

Senhores e senhoras.

Seja qual fór o futuro que nos espera — e de certo os nossos votos e os nossos esforços de bons patriotas são porque nos sorria o mais ditoso porvir — pôde-se de ante mão augurar para esta terra de Minas Geraes espantoso e irremovível surto ascendente na escala industrial da civilização. Do ventre metallico das nossas serras têm de sahir em breves tempos partos fecundos, que animem usinas e estaleiros e movimentem frotas e arsenaes, enriquecendo o commercio e aperfeiçoando as artes e os officios em nosso paiz.

Uma nova fase de expansão do trabalho e da industria exigirá tambem um novo scenario para a actividade material das gerações, que nos forem succedendo, aqui, nestes valles amplissimos do Brasil central.

Ferro-vias enroscarão o seu traçado por quantos desfiladeiros existam no alpestre territorio de Minas, sem temor de obstaculos nos pontos de maior encurtamento de seu percurso, hão de si construir ao norte e ao sul, ao nascente e ao poente, tuneis e viaductos mil, muralhas de arrimo e estradas de rodagem sem conta; pontes numerosas se estenderão sobre as correntes de tantos rios nossos, e obras d'arte infinitamente multiplicadas irão affeiçãoando os mais asperos e bisarros trechos da nossa decantada natureza, para que em toda parte o homem colha proveito immediato e util da terra, da agua, da montanha, da floresta, da luz e do ar, conseguindo aqui o caminho, allí o movimento, acolá o espaço, mais além a materia prima, o calor, a vida...

(3) Vide art. 1.º dos Estatutos da Academia Mineira de Letras.

Em vez de cinco milhões de habitantes, dentro de alguns lustros, teremos o duplo, o triplo, o quadruplo, talvez dessa população; e pedaço não haverá da nossa superficie, neste territorio que faz de Minas pelo tamanho a «França Sul Americana» e que pela paisagem montanhosa Réclus chamou tambem a «Suissa Brasileira» trecho ou palmo de chão não haverá em nossa terra, onde não explúia a vida intensa dos grandes centros industriaes, com toda vertigem do aproveitamento do tempo e do dinheiro, na preocupação de nutrir e confortar a toda uma densa colméia humana, aqui disputando a terra, e allí o espaço, já no sub-solo das minas, já no intermundio dos ares, nessa pertinaz cobiça do trabalho humano, sempre intelligente e audacioso.

Grandes metropoles mineiras contaremos então: esta de Juiz de Fóra, abrindo-se como imponente «salão de visitas», na fronteira alcantilada do Parahybuna, á continua corrente de *touristes* e homens de negocios, que da formosissima Capital marítima do Brasil demandem o curioso e opulento «paiz das Minas» com mil almas aqui formigarão, accentuando melhor ainda o feitio de uma cidade de academias e de fabricas—mixto de officinas em que haverá legiões de operarios, uns buscando illuminar o cerebro no livro e no laboratorio, outros movimentando o capital com o trabalho no tear e na forja, de toda essa convergencia de energia, no ensino e na manufactura, dará a esta cidade, onde o Christo Redemptor derrama a sua benção ao povo — do alto illuminado da fragosa collina de Dom Pedro (4) — esse duplo aspecto de uma Bostom e Pittsburg, em pleno Brasil, cidade de collegios afamados e de ruidosos centros fabris.

Na vasta rechã mineira, outras muitas cidades surgirão, de tão intensa actividade, como esta filha de Halfeld e Mariano Procopio, e dominando cada uma, as respectivas zonas de Minas, com a feição especial de seu clima, de seus usos, de sua população e labor.

A Sudéste, na dupla linha limitrophe, que pela impinada serra da «Chibata» a prende ao Espirito Santo e pelas aguas outr'ora «timido» do «Muriahé» e pelo macisso verde das «Frecheiras» lhe dá intimos appoxes com o territorio fluminense, se levantará Carangola o emporio maximo do rei — café, nestas Minas; a aninada cidade do commercio da Matta, celebre por ser o nucleo de convergencia dos caminhos de ferro inglezes que — como tentaculos de um polvo benefico — darão vida e impulso áquella feraz secção agricola do Estado, a ella indo ter um feixe de linhas derivadas para Manhuassú, Campos e Porto Novo, por seu turno mercados opulentos da mesma região brasileira, tão ferte no assucar e no café.

Na raia meridional, na visinhança paulista, fulgirá Poços de Caldas, a perola desse temperada e suavissimo meio-dia europeu, que é o Sul de Minas, com as suas thermas, sanatorios e cassinos, com os seus parques, jardins

(4) Refere-se ao morro do Imperador, que domina a cidade de Juiz de Fora, com o seu monumento de Jesus Christo Redemptor.

e hotéis, e que será um adorável refugio do luxo e prazer, de provisão de saúde e bem estar para quantos, nacionaes e estrangeiros alli busquem as aguas maravilhosas da estancia bem fadada, rival então, neste continente, das grandes hydropolis europeas.

Ainda neste chão sul-mineiro, que a natureza prodiga tão ditoso fez, dando-lhe, nos valles bem povoados do Sapucahy e Rio Verde magnificas terras de pão e vinho para nutrirem a gente sadia e laboriosa que os habita, ahi vereis um nucleo de cidades opulentas: umas remoçadas pela industria, Campanha e Pouso Alegre; outras transformadas pelo esforço tenaz do homem moderno e vivendo de sua futura e fortissima producção de trigo, de uva, de lãs, como Ouro Fino ou Itajubá, as quaes um nobre e insuperavel estímulo de progredir fará caminhar sempre para deante.

No Triangulo, dominando o commercio das carnes e do gado, emporio dos dilatados sertões mineiros e goyanos, do Rio Grande e Parahyba será Uberaba, refulgindo pelo poder e riqueza, qual outra Chicago, sem os lagos, mas esmaltada pela pradaria verde das chapadas cheias de nédios rebanhos, que lhe alimentarao a industria dos matadouros e xarqueadas, em toda uma região cortada por uma systematisada rede de caminhos de ferro.

No Oeste, estendendo a sua influencia pelo valle do rumoroso rio das Mortes e adjacentes terras, até e além do Alto S. Francisco, como mercado de permutas de uma larga zona — onde ainda a industria pastoril e o intenso cultivo dos cereaes e do algodão lhe darão sobejos titulos de valor e poderio — será S. João d'El-Rey, mariosamente cantando o hymno da civilisação pelo apito de cem comboios diarios nas estações urbanas de seu perimetro, já então estendido pela *Varzea do Marçal*, e abas da poetica serra do *Lenheiro*.

No Centro, e como eixo de toda a velha região mineral, renascerá Villa Rica, já por essa época renovada pelo trabalho potente da electricidade, gerada no esforço titanico da «hulha branca» — captada em dezenas de saltos e quedas — para movimentar cincoenta usinas siderurgicas e outras tantas minas de ouro e exploração de manganez, num raio de vinte legoas. Empunhará de novo o sceptro do primado metallurgico a lemdaria e sagrada Ouro Preto, collectando o esforço e a producção de centenas de officinas e machinas, installadas nos seos mais afastados arredores rejuvenescidos ao calor dos fornos e dynamos ao bater dos pilões e malhos, fornecendo para todo o mundo, por uma rede vias em rumo de beira-mar, o ferro e o aço arrancados de nossos magnificos minerios, quasi inexgotaveis, da cadeia do *Espinhaço* no limite sul-norte nas duas *Itabiras*, a do *Campo* e a do *Matto Dentro*. Ao Norte, arrebanhando toda a vida mediterranea do médio e baixa. *S. Francisco*, surgirá Pirapora, emendando o mar e o deserto pelas parallelas da ferro-via de novo e com justiça chamada Pedro 2º e pela navegação fluvial...

A esse tempo, a prophecia de Joaquim Felicio estará realisada nessas paragens, onde o *Guaichuhy* paga o tributo copioso de suas aguas ao

grande rio brasileiro por excellencia; ahi por entre os auspicios de Ceres e Mercurio, no meio de arsenaes e estaleiros, e docas e armazens, de numerosa flotilha de vapores e barcas, surgirá soberbo, ás duas margens do S. Francisco, ligadas por notavel ponte, outra *Buda-Pesth* Brasileira, imperando na vastissima hacia de seo rio, por linhas ferreas auxiliares do movimentado trafego fluvial. Pirapora será uma verdadeira *cosmopolis*, centro do activo e fecundo labor de milhares de individuos de todas as raças, para alli attrahidos pelo iman encontrado da vida facil e da rapida fortuna.

Além, no centro famoso dessa *Golconda* do *Jequitinhonha*, reviverá a Diamantina, a Jocunda terra tijucana, no esplendor da mineração de diamantes cobrindo de custosas gemmas o mercado mundial e enviando para toda parte as pedras, que os seos lapidarios tão delicadamente tacetam e as Joias de ouro, prata e côc, que a sua ourivisaria tão finamente produz.

Bem mais ao septentrião, senhores, uma na caudal ainda do S. Francisco, outra nas proximidades do baixo Jequitinhonha, se ostentarão exuberantes de vida aos olhos dos nossos filhos mais duas cidades notaveis: Januaria, porto fluvial frequentadissimo com as chaminés de cem paquetes de commercio enfumacado os ares, enquanto sobre o bójo dos porões desses navios os seos entrepostos despejarão fortes carregamentos (de gado, borracha, sola, peixe, fumo, crystal e algodão), vindos dos longes campos goyanos e tambem, desse chapadão famoso do *Urucuaia*, ou das terras ubertosas de beira-rio; — e Arassuahy então centro do fortissimo commercio allemão para compra de turmalinas berylos e aguas marinhas, Arassuahy com suas mattas desbravadas pela colonisação germanica e o territorio de sua comarca — tão vasta como *Sergipe* — cortado de ferro-vias economicas, que terão penetrado a contigua fronteira bahiana, facilitando o intercambio dos dois povos amigos e visinhos.

Tambem lá nas bandas orientaes de Minas nos confins com o solo espirito santense, onde o Rio Doce impetuoso corre, com a divisa amiga e approximadora, lá terá surgido, senhores, nova *urbs* — a Figueira de frontando a escarpa negra da Ibituruna, como outra cidade famosa do paiz, dominando a mysteriosa floresta virgem e nella installando poderosas serrarias para o seo largo commercio de madeiras: açambarcando, como entreposto geral, os productos varios dessa faixa de *Matla* fertilissima que vem do *Pecanha* a *Theophilo Ottoni* — celleiro do café e do toucinho sem falar na vinha, do trigo, no assucar, generos outros que já os valles dos dois *Suassuhys*, do *Guanhães*, do *Correntes*, do *Mucury*, estarão produzindo em copiosa escala, mercê da colonisação italiana e teutonica, para lá encaminhadas.

Naquellas paragens abençoadas estará a nossa *Canaan*, onde o bom Deus sepeou a *lux*, thesouros incomparaveis; no cascalho aurifero dos seos rios; nas bétas de pedras coradas, tão finas e seductoras como a legitima saplyra indiana e a verde esmeralda da Birmania mas essencias vegetaes mais cotadas no commercio (o sandalo, a poaia, o velame, a

quina, a copahyba), no alto tear metallico dos minerios de ferro das suas cordilheiras ribeirinhas; na linda plumagem das aves mais canoras; na seiva adubada de um terreno, que deixa a perder de vista a mancha escura da *tundra* slava, ou que eguala á afamada terra roxa paulistana...

E todos esses emporios, essas magnificas e populosas cidades, contemporaneas das gerações de amanhã, serão, senhores e senhoras serão apenas vassallas de uma só rainha — Bello Horizonte, centro politico da quintupla divisão cantonal administrativa, que terá então o poderoso Estado de Minas Geraes, Bello Horizonte — a Urbis suprema da terra, dos Inconfidentes, a «cidade vergel» engastada na moldura magestosa das montanhas e escampadas sobre que se reclina no manso valle do Arrudas no meio do planalto central do Brasil!

Alli tereis a metropole da Terra Mineira, esta já então grande como uma nação e mantendo-se ainda presa ao colosso brasileiro pelos laços politicos da federação, pelos sentimentos indissoluveis da communhão, da raça, da lingua e do direito, mas tendo peculiaridades necessarias de governo interno, para melhor attender á variedade e diversidade de suas zonas e climas e ao algarismo elevado de sua mesclada população de vinte milhões de habitantes seguramente por essa época.

Alli tereis, senhores, a Capital das Minas — qual nova *Madril* — equidistante de todos os pontos cardaes das nossas fronteiras: cidade já então de duzentas ou trezentas mil almas, e cujo amplissimo perimetro terá a esse tempo engulido as velhas povoações coloniaes das cercanias; suas torres e palacios serão atalayias da civilisação mais completa, em pleno coração do nosso paiz, a seiscentos kilometros do oceano; suas innumerables escolas e academias formarão o nucleo universitário de nossa activissima vida intellectual, sempre e cada vez mais cuidada, nas boas tradições lusolatina, através da vertigem a que o trabalho e a industria condemnarão o homem moderno, neste maravilhoso «Paraiso Terreo», que é o Brasil...

Senhores e Senhoras, Ao delinear o bosquejo deste painel do nosso progredir, eis que vimos de ferir na sua agudez torturante o problema que nos occupa o espirito, o saber:

O excesso da actividade material entorpecerá as produções da intelligencia nessa Patria do futuro, que vimos descortinando?

O requinte do conforto, a intensa lucta industrial, o progresso economico, o triumpho definitivo da era mercantil no Brasil de amanhã, entibiarão as energias do cerebro nacional e farão apoucada a nossa cultura artistica e literaria?

Multiples questões essas, cuja indagação minuciosa escapará aos limites estreitos de uma nação academica, por entenderem com a materia transcendente de alguns capitulos scientificos, desde o estudo physiologico do homem sob a influencia da fadiga corporal e do amolecimento muscular, gerando a incapacidade relativa para os labores espirituales; até as complicadas theses da anthropologia, da ethnographia, da sociologia, em geral, para a analyse subtil dos factores que possam contribuir para ames-

quinhar o senso delicado da Poesia e do Bello, nesse homem das raças caldeadas ao maximo esforço do combate pela agitadissima existencia contemporanea; nesse homem affeito ao ambiente actual; — tão aquecido pela paixão tenaz das riquezas, da volupia e do goso ardente da vida...

Sem descer á solução que um moralista ou um philosopho pudera dar á these, eu me abalançaria, senhores, a ficar nos dominios do sonho, da fantasia, talvez, a embalar a alma com o affago da esperanza e com o alento da fé: Esperanza de que, ainda em meio á aspera lucta de uma era industrial, não de sobrar corações, que amem a belleza e a bondade; não de surgir poetas que cantem a gloria e o amor; não de apparecer espiritos, que se refugiem no palacio encantado das illusões e timbrem no proposito alevantado de não deixar perecer os ideaes de uma raça meiga e sonhadora... Fé, senhores, nesse poderoso instincto que leva os povos a conservarem as suas crenças mais sentidas e as suas mais caras tradições; fé senhores, nesse *quid* inconsciente mas eterno, que orienta o homem para a região sublimada dos céos, impellindo-o sempre ao culto da graça e do bem, ao culto da luz e da estrella, ao culto da flor, e do aroma, ao culto da mulher e do affecto, ao culto do lar e da Patria!

E como, Senhores, «deixar de luctar é começar a morrer», (já o disse Maudsley), luctemos todos, agora e sempre, porque a vida intensa que se começa a viver no Brasil do seculo XX não mate, não estiole, não enfraqueça a espiritualidade, o culto da arte e das letras, a graça sempeterna da poesia e da legenda.

Somos um pugillo de companheiros ligados pelo juramento symbolico desta hora solemne: trinta missionarios das letras, uns publicistas e prosadores, outros poetas e chronistas, alguns professores e homens de sciencia, mas todos irmanados numa cruzada commum: de pelo livro, pelo jornal, pela palavra, mantermos perenne a tradição gloriosa dos nossos avoengos, tão amigos sempre do convívio selecto das Musas, a tal ponto que Minas Geraes teve a sua *escola* literaria tipicamente accentuada no seculo dezoito; e ainda agora, para a escolha dos patronos da Academia, a nossa dificuldade esteve na selecção embaraçara entre a centena de nomes de tantos Mineiros igualmente illustres, que honram o Pantheon da litteratura nacional.

Pois haveriamos nós, meos amigos, de deslustrar em dias de hoje as tradições de «Claudio, Basilio, Durão e Gonzaga, que foram os maiores espirites poeticos de seu tempo na lingua portugueza?» no conceito de um grande e severo critico? (5)

Não seria desdouro vir apagar por nossas mãos o brilho desse estemna literario com que a terra das Minas se adornou, dos tempos coloniaes aos nossos dias, com os poemas do *Carmarú*, do *Uruguay* e da *Villa Rica*:

(5) Vide Silvio Romero - Historia da Litteratura Brasileira - Tomo I. pag. 217.

com as estrophes satyricas das *Cartas Chilenas*? com as rimas virgilianas da lyra bucolica de Dirceu e os madrigaes suaves de Silva Alvarenga? com os sonetos raros de «Glauceste Saturnio» e os carmes sentidos de Barbara Heleodora? E evocando este ultimo nome, senhoras, a vós — patricias de Beatriz Brandão — a vós mais que ninguem compete o preito de homenagem devida á inditosa mãe de Maria Iphygenia, á poetisa suavissima que foi a mulher mineira mais culta da sua época!

Como esquecermos, senhores, os nomes mineiros, que mais illustraram as sciencias naturaes, neste paiz, desde Alvares Maciel e frei José Mariano, desde Velloso de Miranda e Vieira Couto, desde Bittencourt Camara e Pires Sardinha, até Capanema e Barbosa Rodrigues?

Como deixarmos que se occultem na penumbra triste do olvido os mais originaes dos nossos pensadores e jornalistas politicos, desde Bernardo de Vasconcellos, Firmino Silva e Theophilo Ottoni, desde J. Felicio dos Santos, Flavio Farnese e Xavier da Veiga, até Cesario Alvim, Aristides Maia e João Pinheiro? Não seria por ventura, abastardarmos a nossa geração fazendo-a ingratamente esquecida para com os nossos melhores e mais espontaneos poetas dessa geração romantica dos dois Queirogas, de Aureliano Lessa, João Julio, de Lucindo Filho, de Sapucahy, de Araxá, de Pedro Fernandes, de Americo Lobo, de José Sena, de Stockler, de Kubitscheck, de Corrêa de Azevedo.

De Minas ninguem dirá em tempo algum que possa ter sido pobre de talentos e de magnificas vocações artisticas.

A poesia moderna aqui teve cultores da envergadura de Arthur Lobo, Edgard Matta, Oscar da Gama, Arthur França, e assim como a poesia, nas nuanças e matizes de tantas escolas, houve tambem — em Minas — para a prosa, para o romance e para a novella um Bernardo Guimarães, um Julio Ribeiro, um Josaphat Bello, um Azevedo Junior, um José Braga...

Quereis publicistas e escriptores de pulso, dar-vos-ei de prompto os nomes inesqueciveis do Conde de Prados, de Ferreira Penna, de Silva Pontes, de Gomide, do Bispo d. João, do conego Marinho, do general Couto de Magalhães, de Baptista Caetano, de Paula Candido, de Perdigão Malleiros, de Franklin Massena, de Aureliano Pimentel, de Christiano Ottoni, de Baptista Martins, de Estevam Lobo, de Augusto Franco, que peregrinavam pelas provincias mais diversas do saber humano, na historia, na medicina, na astronomia, na mathematica, philologia, na jurisprudencia, na critica.

Que poeta satyrico maior do que o nosso *Juvenal* ou *Tolentino* brasileiro, o saudoso padre-mestre Corrêa de Almeida?

Quem no Brasil foi superior, no Lyrismo religioso, ao dulcissimo José Eloy Ottoni?

Quem excedeo a mordacidade do *Piron* mineiro, o dr. Francisco de Mello Franco, autor do poema heroi-comico intitulado *O Rei da Estupidez*?

Se na Arcadia poetica, no jornalismo, na publicistica, na historia, na sciencia tivemos tantos vultos em destaque, não menor senhores, foi a galeria de cultores das artes em Minas Geraes, onde bastam na musica sacra e profana os nomes de um João de Deos, um Lino Fleming, um *Pururuca* (João Batista Macedo) um João da Matta, um José Maria, um F. Raposo; e na pintura e na esculptura os de um mestre Valentim, um Aleijadinho, um padre Viegas, um H. Caron... para attestarem a todo o sempre que já tivemos tambem uma especie de «renascença» artistica no recesso deste «peito de ferro e coração de ouro» do Brasil.

Agora, comvosco, meos confrades e amigos.

Aqui, neste terreno neutro da Academia, lidemos todos sem rancores e nem prevenções, mesmo aquelles dentre, nós que, «muitas vezes, collocados em campos oppostos na politica, tenhamos cruzado com azedume o ferro dos combates».

Não nos amargurem — para possivel desanimo na lucta intellectual — o aleive ephemero, a passageira violencia de um adversario acrimonioso; lembremo-nos todos desta verdade contida num pensamento do arguto conhecedor de homens; que foi o doutissimo padre Antonio Vieira: *um grande delicto muitas vezes achou piedade; mas nunca fallou inveja a um grande merecimento* (6).

Não se desinteressando das questões sociaes da nossa época, e nem o poderia fazer sem grave risco para o papel que lhe compete na formação do character do nosso povo a literatura é um riquissimo filão para os que nella tentaram a fortuna do renome, estudando-a com o carinho e a pertinacia que demanda o seu objecto.

Não duvidamos, Senhores academicos, de que *tudo se pôde esperar da imaginação impetuosa e do espirito activo que caracteriza os Mineiros*, conforme a nosso respeito opinou um insuspeitissimo viajante inglez mr. Walsh (7).

E si vos agrada mais extenso conceito appreciativo do «character mineiro», dignae-vos de ouvir este formulado por Ferdinand Denis, um «pesquisador consciencioso e viajante incançavel», como o qualificou o Visconde de Taunay e que consagrou a melhor porção da sua vasta obra de escriptor ao Brasil.

«Pela maior parte descendentes dos antigos Paulistas, tão famosos por seu valor, em geral menos ministrados que a maior parte das povoações do littoral com a raça preta; sujeitos a um clima mais temperado que o de beira-mar; favorecidos pela abundancia do solo e riqueza das produções; os Mineiros constituem, por assim dizer, um povo a parte entre a povoação do Brasil, o qual não só se distingue por sua sagacidade, natural franqueza e costumes hospitaleiros, mas, depois do Rio de

(6) Vide «Sermões do Padre Antonio Vieira ed. de 1679—92»  
(7) Revd. «R. Walsh.» *Noticias of Brasil* 1830, 2 vols.

Janeiro, nenhuma região, daquelle dilatado paiz, apresenta reunidos, como em Minas, tantos elementos proprios para desenvolver um movimento industrial favoravel, e isto graças a um Juizo são, a uma perspicacia pouco vulgar dos seus habitantes. » (8)

Eis ahí, senhores o conceito que de nós fazia e das nossas aptidões um escriptor francez de 1837.

Da feição que possamos continuar a imprimir á literatura nacional, se bem trabalharmos, escutae ainda da bocca de um eminente historiador patrio, Varnhagen, nobre filho de S. Paulo, estas palavras egualmente insuspeitas :

« *Deixemos por ora só em prophécia que sendo Minas o estomago do Brasil nunca será vigorosa e genuina a literatura que dahi não tira as forças, o vigor e a origem.* » (9)

Porque duvidar, então, do exito desta criação e não confiar antes que ella preencha, cabalmente, os altos fins a que se destina?

Quanto a mim, companheiros e amigos desta Academia, ficae certo de que não desertarei da pugna começada; porfiarei junto de vós com o mesmo ardor e a mesma fé com que — obscurissimo soldado — venho pelejando pela causa sagrada das letras, a que tanto vos devotaes.

Já não devo me estender mais; a fadiga vos assalta e com razão, bem o vejo.

Entretanto, quero sempre dizer-vos;

« Quando me escolhestes para interprete do vosso jubilo, para orgam do vosso sentir na festa espiritual que aquí hoje nos congrega, neste dia que é tambem o da redempção nacional de uma raza, (10) estaveis convencidos de que para fazer uma oração sincera não era preciso um orador: bastava um coração ». E foi com o coração, senhores e senhoras, que vos vim falar.

Um dia, que já vae bem longe! foi quando pelas ruas faceiras «Veneza do Brasil», (11) marchavam para o embarque as estrugidas orações do povo, as levas dos voluntarios do Norte, que iam liquidar pela metralha as affrontas cuspidas ao pavilhão sagrado da Patria pelo tenebroso despota paraguayano...

Dos oradores que então falavam com o fogo do patriotismo aos bravos legionarios, um já era grande pelo talento e depois sabio morreo, o extraordinario mestiço, gloria da Intelligencia brasileira, Tobias Barreto.

(8) Ferdinand Denis (1798—1890), vol. 2.<sup>o</sup> de sua conhecida obra— «*Descrição Historica do Brasil*» no cap. «*Caracter dos Mineiros*»,— pags. 221 e 225.

(9) F. A. de Varnhagen (1846) na biographia do poeta mineiro Frei J. de Santa Rita Durão em prefacio ao poema «*Caramuru*».

(10) Refere-se a data da aurea lei de 13 de maio de 1889, da Abolição dos Escravos.

(11) Cidade do Recife, capital pernambucana.

Pois, Senhores academicos, como remate de meo discurso e augurando-vos o melhor exito desta campanha literaria, de que sois os estrenuos lidadores, eu vou colher de Tobias, para vol-as applicar, as palavras com que saudava elle os que de Pernambuco partiam para o theatro distante daquelle guerra tremenda.

« *Soldados, ide na bençam de vossa bandeira, receber os acenos da gloria, os incitamentos do porvir!* »

Tenho dito.